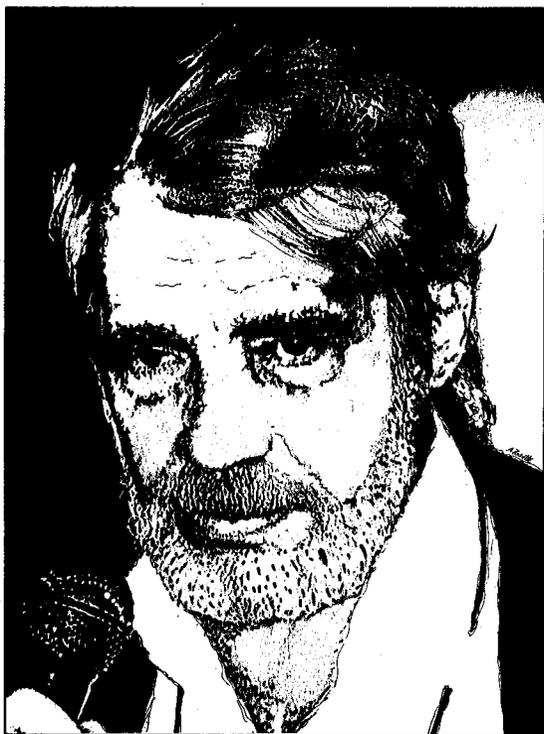


# Sérgio Costa Ribeiro

## Uma Trajetória



**P**ode-se dizer que a educação brasileira tem, hoje, dois retratos: um desfocado e outro arrematadamente nítido. O primeiro, fruto de uma forma equivocada de se colherem e analisarem os dados sobre o nosso ensino, existe há décadas e só agora começa a deixar de ser oficial. Tudo porque começa a perder terreno para o outro, resultado de um novo olhar sobre o panorama educacional do país, através de uma lente precisa – a da análise estatística – legado de valor inestimável do pesquisador Sérgio Costa Ribeiro.

Foi um trabalho que demandou muita persistência e determinação. Mas desde que este engenheiro elétrico com doutorado em Física pela Universidade de São Paulo voltou seus olhos para um dos nós mais apertados do país, a educação brasileira passou a ter uma nova opção de trajetória para sair do poço profundo onde se encontra. Costa Ribeiro, que morreu de câncer no dia 8 de janeiro

de 1995, aos 58 anos, colocou sua bagagem de ciências exatas a serviço da educação e soube, como poucos cientistas sociais, interpretar, por aquele prisma, fenômenos sociais complexos ligados ao dia-a-dia das escolas do país.

Um deles, que batizou como a **Pedagogia da Repetência**, carro-chefe de seu trabalho, resume de forma precisa os equívocos cometidos ao se colherem e interpretar os dados

***"Eu comecei com a ponta da ciência, a pós-graduação e o ensino superior, e vim andando para trás até a 1ª série primária e o pré-escolar, porque aí está o nó do problema"***

estatísticos referentes à educação. O cerne do problema do ensino no país, defendia Costa Ribeiro com veemência, está, não na evasão escolar (de porcentagem pouco relevante, na verdade), mas na repetência, esta sim com altos índices, camuflados, seja em reprovações brancas (em que os alunos passam da 1ª série B para a 1ª série A, por exemplo), seja pela forma falha de se registrarem aqueles alunos que saem de uma escola após repetirem o ano e se matriculam em outra unidade escolar como novos.

Ao focar na repetência – e não na evasão – o problema da educação no país, Costa Ribeiro acenou com um novo alvo de preocupações para os que desejam, de verdade, melhorar o quadro negro do ensino. Sempre reinterpretando dados oficiais das Pesquisas Nacionais Por amostra de Domicílio (PNADs), do IBGE, e dos Censos Educacionais do MEC, ele mostrou que os alunos ficam na escola por tempo suficiente para se formarem no primeiro grau – cerca de 8,5 anos – mas, por falta de competência da instituição, não são promovidos ao longo das séries e, só então, acabam saindo, com duas ou três séries no histórico escolar.

A análise das estatísticas corrigidas demonstravam, ainda, que a cobertura da rede escolar atende a 95% das crianças e que, ao contrário do que se costuma propagar, as famílias procuram a escola quando seus filhos estão em idade de estudar. A escola, portanto, não precisa atrair seus alunos, mas mantê-los e fazê-los progredir.

"O diagnóstico errado de que o povo brasileiro não valoriza a educação e precisa de atrativos para frequentar a escola ou é incapaz de aprender porque é subnutrido levou a medidas equivocadas como a de montar cozinhas e a complicada operação da merenda escolar, quando a grande prioridade é a qualidade do ensino, o compromisso da escola com o progresso dos alunos", disparava Costa Ribeiro.

Em sua trajetória, ele teve a companhia de dois pesquisadores que embarcaram no desafio de reescrever a educação do Brasil. Primeiro, o cientista político americano Phillip Fletcher, PhD em Educação pela Universidade de Stanford, que conheceu entre 1985 e 1986; depois, em 1989, o pesquisador brasileiro Ruben Klein, PhD em Matemática pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), parceiro de Costa Ribeiro do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), no Rio de Janeiro, e a quem ele conhecia desde 1978, já tendo desenvolvido em dupla diversos trabalhos.

"Foi um encontro muito enriquecedor", declarara Costa Ribeiro sobre Fletcher, a quem

fora apresentado pelo especialista em educação e trabalho Claudio Moura Castro. "Conversávamos sobre um pouco de tudo. Filosofia, política educacional e até detalhes sobre mensuração e tecnologia", recordou-se.

Já Ruben Klein foi definido pelo parceiro como a pessoa que não o deixava "dizer besteiras". "É ele que garante às coisas que eu digo a chancela da ciência", dizia sobre Klein, que continua debruçado sobre estatísticas oficiais para analisá-las e vencer a árdua incumbência de levar o trabalho adiante.

Os primeiros contatos de Costa Ribeiro com a educação já anunciavam sua afinidade com o novo. Ainda nos anos 70, quando integrava o Departamento de Física da PUC-RJ, ele engajou-se em atividades educacionais, coordenando a assessoria técnica do primeiro vestibular do Rio de Janeiro conduzido pela Fundação CESGRANRIO e realizado para mais de 100 mil candidatos. Por quase dez anos, ele foi um dos crivos científicos das provas do vestibular da Fundação.

Data deste período seu interesse por técnicas modernas de avaliação de testes de escolaridade padronizados e comparação de testes, que viriam a ser fundamentais para o trabalho desenvolvido depois. A importância que deu aos dados estatísticos para se traçar um panorama bem delineado da educação foi sacramentada nesta época, quando ele esteve à frente de pesquisas sobre o poder preditivo das notas obtidas pelos estudantes no vestibular sobre o desempenho que eles teriam na universidade.

O uso dos dados gerados pelo vestibular em experimentos e estudos foi também um pioneirismo de Sérgio Costa Ribeiro, que constatou, por exemplo, que a universidade tinha o poder de concentrar seu investimento em carreiras de maior prestígio, como Engenharia e Medicina, e de menor impacto sobre o sistema educacional – por não formarem professores para o ensino fundamental. Seu trabalho, em parceria com Klein e o professor e pesquisador Djalma Pessoa, sobre a posição social das carreiras oferecidas no vestibular tornou-se base para diversos desdobramentos de pesquisas realizadas hoje.

O encontro com Fletcher representa a instalação definitiva de Costa Ribeiro no universo da educação brasileira. Fletcher realizava pesquisas estatísticas educacionais do Instituto de Pesquisas Econômicas e Análises (IPEA) de Brasília, como consultor da Organização Internacional do Trabalho (OIT). "Ele se debruçava sobre um suplemento especial que a PNAD de 1982 realizava sobre Educação; ficou indignado com o total desinteresse por essas informações. O Phillip estava determinado a transformá-los em algo útil para o Brasil", Costa Ribeiro gostava de lembrar.

"Trabalhando com o vestibular e a universidade achava que estava fazendo um trabalho importante. Mas quando comecei a trabalhar com o Phillip, descobri a importância do erro nas estatísticas educacionais no Brasil e as suas conseqüências e concluí que tudo o que eu já havia feito não tinha importância. Importante realmente era que sem a educação fundamental competente, o país não tem futuro", concluiu ele, em Fórum sobre Avaliação em Educação da Fundação CESGRANRIO.

Da associação de Sérgio Costa Ribeiro aos estudos de Fletcher, surgiu o modelo estatístico **Profluxo**, que utilizava os dados das PNADs do IBGE. Mais adiante, em 1989, já com Ruben Klein, além de prosseguir essa linha de pesquisa, abriu nova trajetória de trabalho, utilizando, desta vez, os dados do Censo Educacional do MEC. Costa Ribeiro e Klein descobriram onde estavam os erros conceituais desses dados, corrigiram os conceitos e desenvolveram uma metodologia que permitiu utilizá-los de forma correta. Este novo trabalho confirmou as conclusões do **Profluxo**, inocentando a evasão e revelando a repetência como a grande vilã do ensino no país.

## De Cromwell ao ano 2000

A Revolução de Cromwell, em 1640, na Inglaterra, quando se delineia o papel que a universalização da educação teve na formação das nações européias e do poderio naval e militar dos países europeus; a Revolução Meiji, no Japão, no fim do século 19; o salto

educacional registrado na Coréia do Sul, na década de 50 do nosso século; e, mais recentemente, nos Estados Unidos, a proliferação de estudos sobre a questão educacional, destacando a demanda por um novo tipo de qualificação da mão-de-obra, eram destaques presentes no discurso de Costa Ribeiro. A história já havia se encarregado de mostrar que a educação foi a arma maior de muitas revoluções.

E, no próximo milênio, passará a ser também "a alma do negócio", de acordo com o relatório **Workforce 2000**, elaborado em 1987, nos Estados Unidos, e sempre citado por Costa Ribeiro. De acordo com o relatório, mesmo os americanos, com índices educacionais muito superiores aos do Brasil, precisariam dispensar grande esforço para atender à demanda das empresas por alta qualificação de mão-de-obra. Passaram a ser requeridos novos patamares educacionais para a competitividade.

"O operário *barato* hoje é aquele capaz de participar da produção, interferir no processo, ter idéias e resolver problemas. É altamente qualificado e muito bem pago", definiu Costa Ribeiro.

Por isso mesmo, ele apontava os empresários brasileiros, ávidos por mão-de-obra qualificada, como um dos dois grandes grupos de aliados da melhoria da educação. O outro, segundo Costa Ribeiro, é a família, que aprendeu ao longo da história que o grau de ensino define um lugar na sociedade.

Além da identificação dos aliados, Sérgio apontava um outro item que considerava fundamental para garantir um bom ensino: a avaliação. Ele recomendava que o MEC ou o Conselho Nacional de Educação assumisse a coordenação de avaliação externa do aprendizado, "valendo-se do que há de cientificamente sólido e tecnicamente viável para garantir confiabilidade e comparabilidade dos resultados".

"Qualquer avaliação precisa ter um efeito, precisa servir para os pais cobrarem qualidade às escolas e precisa informar decisões da política educacional", defendia.

## Resistência

A história já havia dado indícios de que as resistências a conclusões como as de Sérgio Costa Ribeiro seriam ferrenhas. Afinal, os conceitos sobre evasão, falta de vagas nas escolas e incapacidade de aprender do povo brasileiro eram muito arraigados e tinham sua conveniência – sustentar distorções como o clientelismo e a troca de favores. Um desses indícios foi a redescoberta da obra e trajetória do educador Mário Augusto Teixeira de Freitas, que atuou nas décadas 30 e 40. Sua obra confirmava as conclusões que obtivera com dados da década de 80 e sua trajetória dava uma medida das dificuldades que Sérgio, Phillip e Ruben teriam pela frente. Teixeira de Freitas foi um dos fundadores do IBGE e o primeiro secretário de Estatística da Educação e Cultura do MEC, na fundação do ministério em 1931. “Na década de 40, Teixeira de Freitas já havia analisado os dados do Censo Educacional e chegado a todas as conclusões ou, pelo menos, às principais conclusões que nós confirmamos depois”, avaliara Costa Ribeiro.

Ele teve acesso a um trabalho desenvolvido por Teixeira de Freitas, em 1947, “sem a ajuda de computadores ou máquinas de calcular”. No trabalho, que Costa Ribeiro conta ter levado seis meses “para digerir”, o educador analisa uma série histórica de oito anos e verifica dois fenômenos na educação brasileira: as altas taxas de repetência e a evasão escolar. O trabalho de Teixeira de Freitas tornou-se extremamente crítico da qualidade da escola. “Este trabalho já alertava as autoridades educacionais do país para, antes de tentar aumentar o número de escolas, melhorar a qualidade das já existentes e que campanhas de erradicação do analfabetismo de nada adiantariam com a péssima qualidade da escola”, lembrava-se Costa Ribeiro.

Ele enfrentaria décadas depois o que Teixeira de Freitas experimentara. As descobertas eram tão grandiosas que não havia quem soubesse avaliá-las corretamente. “Nem Anísio Teixeira, nem Lourenço filho, ninguém soube avaliar o que havia ali. E Teixeira de

Freitas foi esquecido pela comunidade acadêmica deste país. No momento em que descobriu o que eu redescobri – e felizmente estou conseguindo sobreviver dizendo – ele foi sumariamente demitido do Ministério da Educação. Morreu de tristeza o homem que fundou uma instituição de que todo país precisa, que cuida da avaliação, das estatísticas e dos indicadores sociais”.

Costa Ribeiro teve o papel mais importante na tarefa de divulgação da nova realidade demonstrada pelos números corrigidos. O **Pedagogia da Repetência** teve repercussão imediata nas comunidades científicas nacional e internacional. Em artigo assinado para um jornal de grande circulação, o cientista político Amaury de Souza registrou seus elogios. Outro cientista político, Simon Schwartzman, hoje presidente do IBGE, declarou que Sérgio Costa Ribeiro era “o único cientista social brasileiro da atualidade a descobrir algo de realmente original”.

A partir de 1986, o Banco Mundial passou a consultar as estatísticas corrigidas do **Profluxo** em seus documentos sobre educação no Brasil. Costa Ribeiro e Fletcher foram, ainda, convidados pela Unesco a apresentar seu trabalho em Paris, embora o órgão da ONU continuasse a se pautar pelos dados oficiais – e equivocados – do MEC. As autoridades brasileiras, por sinal, continuavam alheias aos novos números lançados pelos dois.

Foi necessária muita persistência, talento e capacidade de comunicação para que as evidências expressas no Profluxo começassem a atingir um público maior. Entre 1986 e o início dos anos 90, Costa Ribeiro não recusou oportunidades de apresentar as estatísticas corrigidas e sua avaliação sobre a natureza do problema educacional do Brasil.

A cruzada começou a surtir efeito nos anos 90, quando empresários paulistas, a Fundação Herbert Levy, a Fiesp e o Senai, a associação dos donos de escolas particulares, o fórum de debates do ex-ministro Reis Velloso, a Central Única dos Trabalhadores, secretarias estaduais e municipais de Educação começaram a convidar Costa Ribeiro para tratar da questão educacional.

Em 1992, o Instituto de Estudos avançados da USP convidou o pesquisador a passar um ano na universidade como professor visitante. Esse período em São Paulo ampliou seu contato com diversos pesquisadores e culminou com a organização, junto com a especialista Vanilda Paiva, do seminário internacional *Autoritarismo Social*, com verbas da Unesco, Fundação Ford, Inep, Orealc, Clacso e USP.

Um ano antes, Costa Ribeiro e Klein tiveram a chance de saborear um fruto de seu trabalho. A equipe da PNAD adotou as conclusões dos dois e fez correções no questionário sobre educação na pesquisa que avaliava Mão-de-Obra. Com o empenho do senador João Calmon e o envolvimento pessoal de Ruben Klein, o MEC acatou, em 1993, as correções conceituais de suas estatísticas e imprimiu novas fichas de coletas de dados para o Censo Educacional. Neste ano também o Conselho Nacional de Secretarias Estaduais de Educação (Consed) aprovou um formato mínimo de informações a serem levantadas nas fichas de matrícula.

Em 1994, quando a doença já começava a interferir no trabalho de Costa Ribeiro, o IBGE abriu novas vias de colaboração, na elaboração dos dados educacionais dos indicadores sociais e Ruben Klein foi convidado a ministrar o módulo de Indicadores Educacionais do curso de treinamento da ENAP sobre Planejamento e Gestão Escolar, promovido por um convênio com o MEC e a Unesco.

Para coroar os esforços, o atual ministro da educação, Paulo Renato Souza, ainda como coordenador do programa de governo do então candidato à presidência Fernando Henrique Cardoso, procurou Costa Ribeiro para pedir sua ajuda na elaboração da política de educação fundamental do Brasil.

Até ser abatido pela doença, Sérgio Costa Ribeiro trabalhou de forma incansável. Estava participando de três grupos de pesquisa: um que dá continuidade ao trabalho com as estatísticas educacionais, ampliando a base de dados; outro que investiga o funcionamento da escola e sua etnografia; e um terceiro que começa a se capacitar em uma nova tecnologia de testes padronizados para avaliação, a da Item-Response Theory, adotada há dez anos nas avaliações do sistema americano e nos principais exames de certificação e seleção, como o Toefl e o SAT.

Costa Ribeiro ainda estava longe de dar-se por satisfeito com suas conquistas. Para ele, havia muito o que fazer, uma vez que "as coisas não atingiram um ponto de irreversibilidade". É preciso prosseguir.

"Esse trabalho de mudar a cabeça das pessoas levou dez anos e isso é muita coisa", considerava, dando à imprensa um crédito. "Há dez anos, as pessoas torciam o nariz para mim. A imprensa teve papel muito importante nessa mudança. Eu fiz o discurso, mas quem registrou e publicou foi a imprensa. Ela é que vai ter que convencer a população. Se a gente não perceber a tempo, não teremos futuro como país".